

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIRO DE ATIVIDADES

9º ANO

2º BIMESTRE

AUTORIA

ANDRESSA TEIXEIRA PEDROSA

Rio de Janeiro

2013

TEXTO GERADOR I

A MORTE E O REI

Noite, ainda não. Mas as nuvens tão escuras, que era como se fosse. E nesse escuro pesado, envolta num manto, a Morte galopava seu cavalo negro em direção ao castelo. Os cascos incandescentes incendiavam a grama. Desfaziam-se as pedras em centelhas.

Diante da muralha, sequer chamou ou apeou para bater ao portão. O manto estalava ao vento. O cavalo escarvava com a pata. Ela esperava. E logo os pesados batentes se abriram num estridor de ferragens. E a Temível foi levada à presença do Rei.

- Vim buscar-vos, Senhor- disse sem rodeios.

- Não contestaria chamado tão definitivo, sem boa razão - respondeu o monarca, com igual precisão. - Peço-lhe, porém, que não partamos já. Realiza-se amanhã um torneio nos jardins do castelo. E tenho certeza de que sua presença dará outro valor à disputa.

Um instante bastou para a Morte avaliar o pedido. E concordar. Afinal, um dia a menos pouco pesaria na eternidade. Mas muito pesariam os que ela havia de levar.

Recolheu-se, pois, esperando o amanhecer.

Ainda no escuro, agitava-se o castelo preparando o torneio. Cavaleiros chegavam de longe. Tendas eram armadas nos jardins. Fogueiras ardiam nas oficinas dos armeiros. Quando o sol veio, farfalhavam as sedas, os galhardetes, as folhas das árvores, e um mesmo brilho metálico saltou dos olhares, das couraças, das jóias das damas. Em breve, soaram as trombetas, os cavalos partiram a galope. E o sangue floresceu sobre a grama.

À noite, a Sussurrada novamente dirigiu-se ao Rei.

- Senhor, em minha morada esperam por nós.

- Na minha também, Senhora, somos esperados- respondeu o Rei, com voz dura. -

Informantes acabam de me revelar que um grupo de conspiradores está pronto para levantar suas armas contra mim.

E depois de ter dado tempo para que ela avaliasse suas palavras, acrescentou em tom mais baixo, quase envolvente: - Os que se escondem nas sombras precisarão da sua assistência.

Amplas são as sombras, pensou a Morte, calculando a sua parte. E mais uma vez concordou em adiar a partida.

Ao entardecer do dia seguinte, um mancebo foi apunhalado num corredor escuro, um ministro foi passado ao fio da espada junto a uma coluna, enquanto no alto de uma escada uma dama tombava envenenada. Antes que o sol nascesse novamente, o carrasco decepou as outras cabeças que haviam ousado pensar contra o Rei.

- Senhor - disse a Intransponível depois de recolher a sua carga - já esperei mais do que devia. Mande selar o seu cavalo. E partamos.

- Esperou, é certo. Mas foi bem recompensada- respondeu o Rei. – Mandarei selar o meu cavalo, como me pede. E partiremos. Porém não para seguir o seu caminho. Acabei de declarar guerra aos países do Leste. E preciso de sua presença ao meu lado, nos campos de batalha.

A Morte sabia, por antiga experiência, o quanto podia ceifar nesses campos. Sem discutir, emparelhou seu cavalo com o do Rei, e começou a longa marcha. À frente, muito trabalho a esperava.

Não era trabalho para um dia. Nem para dois. Dias e dias se passaram. Meses. Anos. Em que a Sombria parecia não ter descanso, cortando, quebrando, arrancando. E colhendo. Colhendo. Colhendo.

E porque ela havia colhido tanto, chegou um momento em que a guerra não tinha mais como prosseguir. E acabou.

À frente do exército dizimado, o Rei e a Morte regressaram ao castelo. E na sala, agora desguarnecida de seus cavaleiros, o Rei assinou o tratado de paz.

Molhada ainda a tinta, já a Insaciável se adiantava, lembrando ao Rei que uma outra viagem o aguardava.

- Irei sim, minha amiga - respondeu ele com voz gasta de tanto gritar ordens. – Mas amanhã. É tarde agora. E estou tão cansado. Deixe-me dormir só esta noite na minha cama.

E porque a Morte hesitava: - Seja generosa comigo que já lhe dei tanto- pediu.

Uma noite, pensou a Invencível, não faria diferença. E ela também merecia um pouco de descanso. Como na noite de sua chegada, agora tão distante, recolheu-se.

Silêncio no castelo. Só sonhos percorriam os corredores. Mas no seu quarto, o Rei estava desperto. A hora havia chegado. Levantou-se, envolveu-se num manto, agarrou o castiçal com a vela acesa e, abrindo a pequena porta encoberta por uma tapeçaria, meteu-se pela passagem secreta cuidando de não fazer qualquer ruído.

Desceu degraus, seguiu sobre o piso escorregadio entre paredes estreitas, desceu uma longa escada, avançou por um espécie de interminável corredor; desceu outros degraus. E afinal, cabeça baixa para evitar as teias de aranha, puxou uma argola de ferro e abriu uma porta. Havia chegado às cavalariças.

A vela apagou-se num sopro de vento. Tateando, pegou uma sela, arreios, e com gestos rápidos encilhou um cavalo. Montou de um salto. Cravou as esporas, soltou as rédeas. E ei-lo fora, galopando na noite, afastando-se do castelo.

Galopava o cavalo. As nuvens abriram-se por um instante, a luz da Lua mordeu o pescoço do animal. Só então o Rei viu que o cavalo era mais negro que a escuridão. E que seus cascos incandescentes queimavam a grama ao passar; desfazendo as pedras em centelhas.

COLASANTI, Marina. 23 histórias de um viajante. São Paulo: Global Editora, 2003.

ATIVIDADES DE LEITURA

QUESTÃO 1

O clímax, momento de maior tensão da narrativa, pode, em muitos casos, coincidir com o desfecho, ou seja, quando o conflito chega ao seu ponto máximo a sua solução também é apresentada.

No conto “A Morte e o Rei”, isso acontece, isto é, as duas etapas – clímax e desfecho – coincidem?

Habilidade trabalhada

Identificar os elementos do enredo: apresentação, complicação, clímax e desfecho. Identificar o foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito.

Resposta comentada

Sim. Quando se instaura o conflito na narrativa (a Morte “*veio buscar*” o Rei), a tensão caminha até chegar ao seu ponto máximo. Assim, todos os fatos que pertencem à complicação no enredo (a insistência da Morte em levar o Rei e as inúmeras estratégias que o Rei opera para fugir dela) atingem o ponto máximo – o clímax – quando o Rei nos apresenta a sua última tentativa de fuga. Nesse ponto da narrativa, se dá o desfecho surpreendente, o desenlace inesperado: o Rei não consegue fugir da Morte. Portanto, clímax e desfecho coincidem no conto em estudo.

QUESTÃO 2

Um dos mais importantes elementos que compõem o enredo é o **conflito**.

Leia as informações no quadro abaixo e, a seguir, identifique o conflito do conto “*A Morte e o Rei*”.

O conflito no enredo

Leia este texto:

Em Clichy, um mendigo de setenta anos, Verniot, morreu. Dois mil francos estavam escondidos em seu colchão.

Esse texto apresenta uma história completa, pois tem os elementos fundamentais de uma narrativa (fatos, personagem, lugar, tempo). Entretanto, é um texto comum, não atrai o leitor, porque falta nele algo inquietante, que causa surpresa. Em outras palavras, falta nele o conflito. O conflito é qualquer elemento da história que se opõe a outro, criando uma tensão que organiza os fatos narrados e, conseqüentemente, prende a atenção do leitor ou do ouvinte.

Leia a seguir a mesma história, agora com o conflito:

Em Clichy, um mendigo de setenta anos, Verniot, morreu de fome. Dois mil francos estavam escondidos em seu colchão. Contudo, não devemos generalizar.

(Félix Fénéon. In: Luzia de Maria R. Reis. O que é conto. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 27.)

Habilidade trabalhada

Identificar o foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito.

Resposta comentada

O conflito cria uma tensão em torno da qual se organizam todos os fatos narrados compondo o enredo. Ele é o responsável por prender a atenção do leitor ou ouvinte e, no conto “*A Morte e o Rei*”, se inicia quando a personagem Morte declara ao Rei que está ali para buscá-lo (“*Vim buscar-vos, Senhor – disse sem rodeios*”) e o Rei inicia também uma série de “desculpas” tentando fugir da situação ou tentando prolongar o momento de morrer.

QUESTÃO 3

Você estudou dois gêneros textuais narrativos: a **crônica** e o **conto**. O texto em estudo é um **conto** e o que segue é uma **crônica**. Leia-a:

Mal o pai colocou o papel na máquina, o menino começou a empurrar uma cadeira pela sala, fazendo um barulho infernal.

- Para com esse barulho, meu filho – falou, sem se voltar.

Com três anos já sabia reagir como homem ao impacto das grandes injustiças paternas: não estava fazendo barulho, estava só empurrando uma cadeira.

- Pois então para de empurrar a cadeira.

- Eu vou embora – foi a resposta.

Distraído, o pai não reparou que ele juntava ação às palavras, no ato de juntar do chão suas coisinhas, enrolando-as num pedaço de pano. Era a sua bagagem: um caminhão de plástico com apenas três rodas, um resto de biscoito, uma chave (onde diabo meteram a chave da dispensa? – a mãe mais tarde irá dizer), metade de uma tesourinha enferrujada, sua única arma para a grande aventura, um botão amarrado num barbante.

A calma que baixou então na sala era vagamente inquietante. De repente, o pai olhou ao redor e não viu o menino. Deu com a porta da rua aberta, correu até o portão:

- Viu um menino saindo desta casa? – gritou para o operário que descansava diante da obra do outro lado da rua, sentado no meio-fio.

- Saiu agora mesmo com uma trouxinha – informou ele.

Correu até a esquina e teve tempo de vê-lo ao longe, caminhando cabisbaixo ao longo do muro. A trouxa, arrastada no chão, ia deixando pelo caminho alguns de seus pertences: o botão, o pedaço de biscoito e – saíra de casa prevenido – uma moeda de 1 cruzeiro. Chamou-o, mas ele apertou o passinho, abriu a correr em direção à Avenida, como disposto a atirar-se diante do ônibus que surgia a distância.

- Meu filho, cuidado!

O ônibus deu uma freada brusca, uma guinada para a esquerda, os pneus cantaram no asfalto. O menino, assustado, arrepiou carreira. O pai precipitou-se e o arrebanhou com o braço como a um animalzinho:

- Que susto que você me passou meu filho – a apertava-o contra o peito, comovido.

- Deixa eu descer, papai. Você está me machucando.

Irresoluto, o pai pensava agora se não seria o caso de lhe dar umas palmadas:

- Machucando, é? Fazer uma coisa dessas com seu pai.

- Me larga. Eu quero ir embora.

Trouxe-o para casa e o largou novamente na sala – tendo antes o cuidado de fechar a porta da rua e retirar a chave, como ele fizera com a da dispensa.

- Fique aí quietinho, está ouvindo? Papai está trabalhando.

- Fico, mas vou empurrar esta cadeira.

E o barulho recomeçou.

(SABINO, Fernando. Fuga. In: Para gostar de ler. S. Paulo: Ática, v. 2, 1991.)

ATIVIDADES DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 4

Um dos recursos empregados pelos escritores para dar maior expressividade à mensagem de seus textos é o emprego de figuras de linguagem. Quando empregadas em um texto, essas figuras conferem um significado simbólico às palavras e aos textos. Há muitas dessas figuras, no entanto vamos retratar duas delas, muito recorrentes em textos literários: a metáfora e a metonímia. Vejamos uma definição de cada uma delas.

Metáfora: é o mecanismo por meio do qual um termo é utilizado para substituir outro através de uma relação de semelhança resultante da subjetividade de quem o cria. A metáfora também pode ser entendida como uma **comparação abreviada**, em que o conectivo não está expresso, mas subentendido.

Metonímia: caracteriza-se pela substituição de uma palavra por outra, havendo entre ambas grau de semelhança, relação, proximidade de sentido ou implicação mútua. Tal substituição fundamenta-se numa relação objetiva, real, realizando-se de inúmeros modos.

- a) Baseado no conceito de **metáfora**, identifique, nos fragmentos transcritos abaixo, expressões que registram o emprego dessa figura de linguagem.
- *“Os cascos incandescentes incendiavam a grama. Desfaziam-se as pedras em centelhas”.*
 - *“Quando o sol veio, farfalharam as sedas, os galhardetes, as folhas das árvores, e um mesmo brilho metálico saltou dos olhares, das couraças, das jóias das damas.”*
- b) Transcreva as palavras que o autor empregou para designar a Morte. Explique por que esse procedimento constitui uma metonímia.

Habilidade trabalhada

Identificar a presença de figuras de palavra, pensamento e de sintaxe nos gêneros estudados.

Resposta comentada

A) *“cascos incandescentes incendiavam a grama”, “pedras em centelha”, “brilho metálico saltou dos olhares”* são imagens que explicitamente apresentam uma comparação subjetiva, subentendida, por exemplo: usa-se a imagem de labaredas e chamas de um incêndio para referir-se à batida forte dos cascos do cavalo no chão e nas pedras. Assim,

esses elementos são implicitamente comparados. **B)** a Sussurrada, a Intransponível, a Sombria, a Insaciável, a Invencível são expressões usadas para designar a Morte, no texto. Evidentemente que essas designações constituem uma metonímia já que, em vez de chamar a personagem pelo nome (Morte), o autor emprega expressões que indicam as características que a personagem tem. Então, substituiu-se o nome da personagem por características que ela apresenta.

QUESTÃO 5

Conjunções são palavras que estabelecem conexões, ligações entre as partes de um texto, entre orações, entre períodos ou ainda entre parágrafos. Observe abaixo um exemplo de emprego de uma conjunção (destacada no texto).

- Não contestaria chamado tão definitivo, sem boa razão - respondeu o monarca, com igual precisão. - Peço-lhe, *porém*, que não partamos já. Realiza-se amanhã um torneio nos jardins do castelo.

- a) Percebe-se que a conjunção “*porém*” foi empregada para estabelecer uma relação de sentido com o período anterior. Indique então que sentido se estabelece entre o primeiro e o segundo período do fragmento.
- b) Outras possibilidades ainda seriam possíveis quanto ao emprego de conjunções entre esses dois períodos. Que conjunções poderiam ainda ser empregadas no lugar de “*porém*” para que seja mantido o mesmo sentido da conjunção original?
- c) Observamos que entre o segundo e o terceiro período a conjunção não foi empregada. Explícite a relação de sentido existente entre eles e relacione-os empregando uma conjunção coordenativa adequada.

Habilidade trabalhada

Reconhecer o encadeamento das orações pelo mecanismo da coordenação. Relacionar o uso de conjunções coordenativas variadas aos sentidos produzidos nas sequências.

Resposta comentada

A) Idéia de adversidade, de oposição. B) - Não contestaria chamado tão definitivo, sem boa razão - respondeu o monarca, com igual precisão. - Peço-lhe, *no entanto / entretanto / contudo / todavia*, que não partamos já. C) Já que entre os períodos há se estabelece uma ideia de explicação, podemos ter as seguintes respostas: Peço-lhe, porém, que não partamos já, *pois / porque / que* se realiza amanhã um torneio nos jardins do castelo.

QUESTÃO 6

Em um texto ficcional, os procedimentos mais comuns para a reprodução das falas dos personagens são o discurso direto e o discurso indireto.

No **discurso direto**, a fala das personagens é reproduzida integralmente na narrativa, conservando sua forma de expressão, tempo verbal, pronomes, etc. Ele é sempre introduzido por travessão ou delimitado por aspas.

No **discurso indireto**, a fala das personagens é reproduzida pelo narrador, o que provoca nela alterações quanto a pessoas, tempos verbais e pronomes e o emprego das palavras **que** e **se**.

Observe algumas transformações operadas entre a transposição do discurso direto para o indireto.

DISCURSO DIRETO	DISCURSO INDIRETO
<p>Enunciado em primeira ou em segunda pessoa:</p> <p>“<i>Eu não confio mais na Justiça</i>”; “<i>Delegado, o senhor vai me prender?</i>”</p>	<p>Enunciado em terceira pessoa:</p> <p>O detento disse que (ele) não confiava mais na Justiça. Logo depois, perguntou ao delegado se (ele) iria prendê-lo.</p>
<p>Verbo no presente:</p> <p>“<i>Eu não confio mais na Justiça.</i>”</p>	<p>Verbo no pretérito imperfeito do indicativo:</p> <p>O detento disse que não confiava mais na Justiça.</p>

Verbo no pretérito perfeito: <i>“Eu não roubei nada.”</i>	Verbo no pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo ou no pretérito mais-que-perfeito: O acusado defendeu-se, dizendo que não tinha roubado (que não roubara) nada.
Verbo no futuro do presente: <i>“Faremos justiça de qualquer maneira”</i>	Verbo no futuro do pretérito: Declararam que fariam justiça de qualquer maneira.
Verbo no imperativo: <i>“Saia da delegacia”</i> - disse o delegado ao promotor.	Verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo: O delegado <i>ordenou</i> ao promotor que saísse da delegacia.
Pronomes este, esta, isto, esse, essa, isso: <i>“A esta hora não responderei nada.”</i>	Pronomes aquele, aquela, aquilo: O gerente da empresa tentou justificar-se, dizendo que àquela hora não responderia nada à imprensa.
Advérbio aqui: <i>“Daqui eu não saio tão cedo.”</i>	Advérbio ali: O grevista <i>certificou</i> os policiais de que dali não sairia tão cedo.

Releia dois exemplos em que o discurso direto foi empregado no texto. Sua tarefa é reescrevê-los empregando o discurso indireto.

-Vim buscar-vos, Senhor- disse sem rodeios.

- Não contestaria chamado tão definitivo, sem boa razão - respondeu o monarca, com igual precisão. - Peço-lhe, porém, que não partamos já.

Habilidade trabalhada

Identificar o uso dos discursos direto e indireto.

Resposta comentada

A Morte disse, sem rodeios, ao senhor que tinha vindo (viera) buscá-lo./ O monarca, com igual precisão, respondeu, sem boa razão, que não contestaria chamado tão definitivo, porém pediu-lhe que não partissem ainda naquele momento.

Essa questão possibilita ao aluno operar as transformações exigidas na transposição do discurso direto para indireto, observando as modificações realizadas com tempos verbais, pronomes e advérbios.

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO DE TEXTO

QUESTÃO 7

A sabedoria popular já nos diz: “*Quem conta um conto, aumenta um ponto*”. Que tal seguirmos essa sugestão?

No final do conto em análise, descobrimos, através de uma linguagem figurada, que a Morte “*levou*” o Rei, ou seja, o Rei, depois de inúmeras investidas, tentativas e inúmeros pedidos da “*Morte*”, morreu.

Imagine agora que, terminado o seu trabalho no palácio do Rei, a Morte – que nunca descansa – precisa continuar seu ofício, que é “*levar companhias para habitar sua morada*”. Ela então vai se dirigir a outro palácio, muito distante e diferente do palácio do Rei: o Palácio do Planalto, coincidentemente localizado em um país belíssimo, de exuberâncias naturais, habitado por um povo conhecido por adorar samba e carnaval. Neste outro reino, o rei e seus ministros e assessores são muito espertos e habilidosos em enganar seus súditos. Quando esses espertinhos ficam sabendo que a Morte chegou para realizar ali o seu trabalho, logo eles se reúnem também para enganar a morte. Imagine então as situações pelas quais a Morte vai passar. O que o rei e seus assessores irão aprontar para não serem levados pela Morte? Eles conseguirão? Que conflito marcará sua narrativa? Pense nessas e em outras questões e então seu texto, atentando para os seguintes aspectos:

- **ESTRUTURA DO CONTO:** **introdução** (geralmente coincide com o começo da história; é o momento em que o narrador apresenta os fatos iniciais, as personagens e, às vezes, o tempo e o espaço); **complicação** (é a parte do enredo em que é desenvolvido o conflito); **clímax** (é o momento culminante da história, ou seja, aquele de maior tensão, no qual o conflito atinge o seu ponto máximo) e **desfecho** (é a solução do conflito, que pode ser surpreendente, trágica, cômica, etc. e corresponde ao final da história; pode coincidir com o clímax).
- Uso do discurso direto e do indireto.

Habilidade trabalhada

Planejar e produzir um texto narrativo com base nos gêneros estudados.

Resposta comentada

Essa atividade reúne inúmeras habilidades relacionadas no Currículo Mínimo: planejar e produzir um texto narrativo, observando-se os elementos da narrativa (enredo, narrador, personagens, tempo, espaço), além de reforçar as partes que compõem o gênero em estudo: conto (apresentação, complicação, clímax e desfecho). O uso do discurso direto e indireto também é lembrado nessa questão.

Penso que uma boa forma de avaliação seria a de promover um festival de contos, fazendo também uma exposição dos textos produzidos, assim toda a produção é marcada com uma finalidade e um público definidos. Ideia, inclusive, apresentada desde o trabalho com o gênero “*crônica*”. É claro que, para se chegar a essa etapa, deverá haver um trabalho de escrita, revisão e reescrita dos textos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLASANTI, Marina. **23 histórias de um viajante**. São Paulo: Global Editora, 2003.

Félix Fénéon. In: Luzia de Maria R. Reis. **O que é conto**. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 27.

SABINO, Fernando. Fuga. In: **Para gostar de ler**. S. Paulo: Ática, v. 2,1991.